



Factos e números da Igreja Adventista do Sétimo Dia

referente ao seu relatório estatístico mundial de 1957

Número de membros

Membros adultos baptizados	1.102.910
Igrejas	12.291
Países da sua actividade	185
Línguas empregadas	749
Missionários em serviço	17.413

Serviços médicos

Hospitais e Sanatórios	102
Dispensários	95
Enfermeiros, enfermeiras e outro pessoal	10.859

Programa educacional

Escolas primárias	4.672
Professores e professoras	6.675
Escolas Secundárias e Faculdades	278
Professores e professoras	3.194
Alunos e alunas matriculadas	256.334

Departamento das Publicações

Casas Editoras	43
Empregados	1.915
Revistas	385
Línguas empregadas	214
Venda total das publicações em 1957	61.624.870\$90



"Portanto ide, ensinais todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que Eu vos tenho mandado; e eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos" (S. Mateus 28:19,20).

AS MISSÕES ADVENTISTAS NO ULTRAMAR PORTUGUÊS

NA influência das Missões Adventistas estende-se, presentemente, por quase todo o nosso Ultramar, mas é principalmente em Cabo Verde, S. Tomé, Angola e Moçambique, onde duma maneira mais acentuada se faz sentir a sua acção.

Apesar das nossas Missões não receberem qualquer auxílio dos orçamentos do Estado, graças à fidelidade

e sacrifício dos membros de nossas igrejas e de muitos dos nossos amigos, com a bênção de Deus, tem sido possível realizar uma obra humilde, mas bem conhecida por quantos labutam por terras do ultramar. No entanto, reconhecemos que ainda há muito para fazer e desejamos fazê-lo de todo o nosso coração.

O Governo Português tem envidado esforços no



Um congresso no mato em Angola

Suplemento Missionário
da

REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO EXCLUSIVAMENTE RELIGIOSO DAS
IGREJAS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA,
DE PORTUGAL E PROV. ULTRAMARINAS

DIRECTOR: E. FERREIRA
ADMINISTRADOR: P. BRITO RIBEIRO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
LISBOA

PREÇO 5500

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.
RUA ENGENHEIRO VIEIRA DA SILVA, 12-B—LISBOA

O Hospital da Missão do Cuale

A obra missionária Adventista continua a sua tarefa humanitária em favor dos povos em terras portuguesas de além mar.

Cumprindo a ordem do Senhor Jesus, o missionário leva o conhecimento do Evangelho, procurando, em primeiro lugar, atrair as almas para o Salvador, ensinando-as a seguir as doutrinas das Sagradas Escrituras. O Ensino é outra faceta do trabalho missionário, trazendo o ser humano das trevas da ignorância e superstição, para a maravilhosa luz do conhecimento, entrando numa nova vida de paz e esperança.

Mas ao analisarmos a vida do Grande Mestre, vemos que uma grande parte do Seu ministério foi dedicada à cura dos enfermos, ao consolo dos tristes, ao auxílio dos necessitados.

As nossas missões em todo o mundo, não esquecendo o exemplo do Salvador, mantêm centros de beneficência, dispensários, hospitais, e sanatórios, onde, anualmente, milhões de pessoas são tratadas, auxiliadas, e consoladas, levando além do benefício material e físico, uma nova esperança que os habilita a vencer as vicissitudes da vida, e a preparar para a iminente vinda do Senhor Jesus.

Em Angola todas as Missões Adventistas têm o seu modesto, mas activo Dispensário, onde diariamente chegam nativos dos mais remotos lugares, e com as mais variadas doenças, para receberem o remédio que lhes restaure a saúde.



Um soba da área do Cuale

Tal é o quadro que nos apresenta a Missão do Cuale, uma das Missões Adventistas de Angola, que vê agora realizada uma das suas necessidades e justas aspirações — a construção do Hospital!

Sim, está em construção o Hospital da Missão do Cuale, onde estamos actualmente trabalhando, e cre-

sentido de engrandecer e fazer progredir as terras do Ultramar e nós queremos secundar esses esforços através da obra das Missões, contando para isso com a costumada simpatia, liberdade e boa compreensão da parte de todos os governantes com quem tenhamos de contactar.

Esta obra é mais do que humana e compreende a realização dum plano elaborado por Deus, dando-nos Cristo o exemplo máximo da filantropia na espécie de trabalho a realizar.

Lemos nas Escrituras: «E percorria Jesus todas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas deles, e pregando o evangelho do reino e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo» (S. Mateus 9:35).

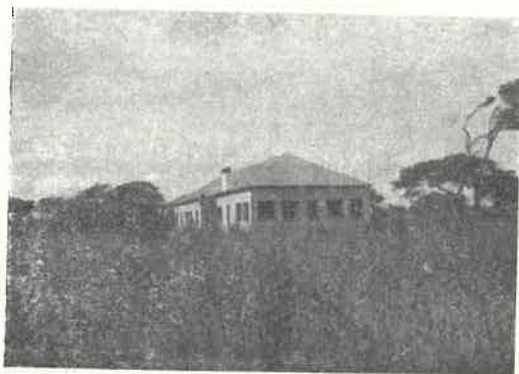
Inspirados nesta tríplice missão cristã de ensinar, pregar e curar, os nossos missionários como educadores, evangelistas, médicos e enfermeiros, deixaram as comodidades e facilidades da civilização de sua terra natal, para se embrenharem na selva africana, isolados do resto do mundo, vivendo por vezes em regiões insalubres, sem condições de vida, passando até privações na alimentação, por a terra nada produzir, sacrificando

a educação dos seus filhos e a sua saúde, para levarem a civilização cristã, a esperança da salvação em Jesus, através dum maior conforto espiritual e a suavização dos seus sofrimentos físicos e cura de suas moléstias, aqueles que não têm os mesmos privilégios que nós e que na sua ignorância praticam verdadeiras atrocidades.

As várias estatísticas desta Revista darão a conhecer aos prezados leitores o volume de trabalho que se está realizando e a necessidade de aumentá-lo, para uma melhor realização do plano Divino na proclamação do Evangelho, pois «este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim». (S. Mateus 24:14). Por outro lado, contribuirá também para o engrandecimento e progresso das terras ultramarinas portuguesas. Isto constitui o nosso melhor desejo e também o nosso objectivo.

A. Casaca

Director da União Portuguesa
dos Adventistas do Sétimo Dia



Um edifício da Missão do Cuale



Hospital em construção na Missão do Cuale

mos firmemente, que ao ser distribuída esta revista, se encontre já terminado mais este monumento da obra Adventista em Angola.

A Missão do Cuale, situada no distrito de Malange, Concelho do Duque de Bragança, área do Posto do Cuale, irradia a sua influência salvadora, na parte norte da Província de Angola, servindo a raça ginga há perto de 25 anos.

O pequeno dispensário desta Missão, onde têm trabalhado, durante anos, muitas enfermeiras dedicadas, e ultimamente um médico consagrado — Dr. E. Moretti — tem sido testemunha de trabalho abnegado, sacrifícios e curas maravilhosas.

O movimento de doentes, porém, aumenta, e o velho dispensário é insuficiente para fazer face às necessidades. Os dois únicos quartos de que é composto não chegam para atender todos os doentes. As condições rudimentares e acanhadas não permitem ao pessoal clínico a realização de certos tratamentos, muito menos de operações.

Com a construção do Novo Hospital, a situação modifica-se. De linhas simples e modestas, o Novo Hospital apresenta amplas facilidades, para servir um povo, assaz abastado pelas culturas da região, mas bastante atrasado, e degradado pelos costumes mais abjectos.

A parte cirúrgica compõe-se de uma bem iluminada

e espaçosa sala de operações, sala de esterilização, sala de partos, e sala de parturientes. Numa outra secção, tem lugar o laboratório, o consultório, e a sala de enfermeiras. Duas enormes enfermarias aguardam a chegada dos doentes, assim como mais dois quartos para operados. O Hospital possui ainda casas de banho higiénicas, e outras dependências que serão utilizadas conforme as necessidades.

Todo este trabalho foi feito com sacrifício, mediante o auxílio generoso de almas bondosas que ao receberem o nosso apêlo, nos ajudam anualmente com os seus donativos.

Leitores amigos, que tendes contribuído com as vossas ofertas, podeis contemplar o resultado do vosso esforço, com a certeza de que o que tendes dado, tem sido usado numa das obras mais altruístas — a construção de um Hospital!

Contudo a nossa tarefa não terminou ainda, nem as nossas necessidades cessaram! O Hospital está construído, mas as suas salas estão vazias, os quartos sem camas, o consultório sem mobília, a sala de operações sem equipamento!

Destas salas vazias vem mais uma vez o pedido de auxílio, para que o trabalho possa ali ser iniciado.

NÃO QUEREIS VÓS AUXILIAR O NOVO HOSPITAL DA MISSÃO DO CUALE?

J. Miranda

Director da Missão do Cuale



Residência do médico da Missão do Cuale



Missão do Cuale

Numa entrevista concedida ao R. C. B. o Dr. Roy Parsons pronuncia-se acerca da sua actividade em Angola e faz interessantes afirmações sobre o desenvolvimento do cancro do pulmão

Aproveitando a passagem por esta cidade, como congressista do VIII Congresso da Igreja Adventista, do sr. dr. Roy Parsons, o Rádio Clube de Benguela entrevistou aquele ilustre médico, entrevista que, pela importância do tema versado e por amável deferência da popular emissora, a seguir se transcreve:

— Porque escolheu Angola para seu campo de trabalho, doutor?

— Devo dizer que não escolhi Angola, mas ofereci-me para o trabalho missionário e foi-me concedida



Dr. Roy Parsons e sua esposa, enfermeira

oportunidade de vir para África, o que aceitei de boa vontade. Naquela altura eu não conhecia Angola nem nada desta terra.

— Tem constituído para si, doutor Parsons, motivo de desilusão as dificuldades materiais e mesmo morais que encontrou no exercício da sua profissão?

— Não, não têm constituído. Tenho encontrado até prazer em pensar que estou a prestar alguma ajuda a quem necessita e a falta de material tem sido vencida pela vontade de ajudar e fazer bem dentro das possibilidades.

— Crê-se, muitas vezes, que as Missões Adventistas são subvencionadas pelo governo americano de quem recebem grandes auxílios financeiros. Sendo assim, está a Missão do Bongo subordinada às ordens desse governo, não é verdade?

— Devo dizer que não, porque as Missões Adventistas não recebem auxílio financeiro de qualquer governo. A nossa Missão é mantida pelas ofertas dos crentes, pelo contributo dos membros da Igreja Adventista e, também, por pessoas amigas.

— Portanto, é essa a única forma porque se mantêm as vossas Missões?

— Exactamente. Porque não temos qualquer afinidade política com qualquer governo, nem nos interessa. Desejamos unicamente cumprir o mandato evangélico.

— Diga-nos, doutor, a população de Angola tem sabido corresponder, com a sua ajuda, ao belo esforço feito pelo Hospital da Missão do Bongo?

— Sim, tem sabido. E por isso lhe estamos gratos, porque não somente nos tem ajudado materialmente, como nos tem dado um apoio moral que nos leva a considerar muitas pessoas como sendo nossas amigas.

— Pode-nos dizer, doutor Parsons, a assistência prestada na Missão é prestada em maior escala aos europeus ou aos indígenas?

— Está mais ou menos dividida em partes iguais. Há épocas do ano em que temos muito mais nativos do que europeus. Noutras épocas sucede o contrário.

— Pode-nos dizer, agora, qual o montante, em valor, da assistência gratuita prestada pelo Hospital da Missão?

— Não posso fornecer números exactos porque não possuo aqui elementos precisos. Mas posso calcular, aproximadamente, 200 contos por ano.

— E agora, senhor doutor, qual a doença que mais vezes é tratada na Missão do Bongo?

— Os doentes de clínica geral são, na sua maioria, indígenas e entre eles encontramos muitos com pneumonias, paludismo e entre as crianças muitas doenças contagiosas. Estas são as doenças mais vulgares. Os europeus são na sua maioria doentes de cirurgia.

— E doenças tropicais, propriamente?

— Temos tido alguns casos. Felizmente, no planalto, não abundam tanto essas doenças como aqui no litoral.

— Certamente o sr. doutor Parsons já leu no número de Outubro da revista «Reader's Digest» um artigo sob o título «O caso dos abstinéus prudentes», em que são apresentadas as conclusões de um inquérito feito pelas autoridades médicas americanas entre os adventistas daquele país. Esse inquérito visou estabelecer a relação que existe entre o cancro das vias respiratórias e o vício de fumar. Diga-nos, o que pensa o sr. doutor sobre o assunto?

—Eu creio que há uma relação nítida entre o uso do tabaco e o cancro das vias respiratórias. Sabe-se que, nos últimos anos, o uso do tabaco em forma de cigarros tem aumentado muito nos Estados Unidos e, nesse mesmo período de tempo, têm aumentado na mesma proporção os casos de cancro pulmonar. Posso indicar alguns números: em 1931, o número de casos fatais de cancro pulmonar foi de cerca de 2.200, e, em 1954, o número já tinha aumentado para cima de 29.000. Temos portanto um aumento de 27 mil casos. Esta curva ascendente foi acompanhada pelo aumento do consumo do tabaco.

—Tem havido entre os seus doentes alguns casos de cancerosos em que o uso do tabaco possa ser considerado como agente activo?

SERVIÇOS DO HOSPITAL DO BONGO DURANTE O ANO DE 1958

Operações de grande cirurgia	325
Operações de pequena cirurgia	386
Consultas	6.842
Tratamentos e curativos	30.921
Injecções	12.123
Partos	85
Doentes hospitalizados	1.237
Leprosos em tratamento	26

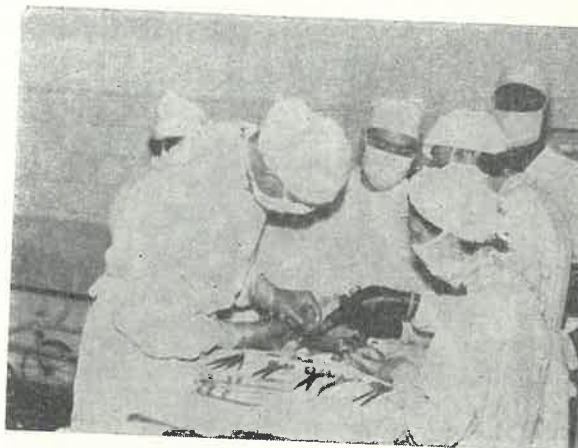
—Tem, tem havido. Lembro-me de diversas pessoas. Uma, por exemplo, que não residiu muito longe de Benguela, salvou-se de uma doença do estômago para, dois ou três anos depois, morrer vitimada de cancro pulmonar. Era pessoa que fumava muito.

—Portanto, quanto a si, senhor doutor, não há dúvida de que o tabaco é o responsável pelo cancro pulmonar?

—Não há dúvida, embora os fumadores contestem o facto.

—O nosso objectivo não é o de alarmar mas, simplesmente, numa altura em que o assunto tanto se debate no estrangeiro, colhermos a opinião de alguém autorizado.

—Qual a compensação que espera obter de uma vida de sacrifício e abnegação que o mantém por tanto tempo afastado da sua terra natal?



O dr. Parsons operando no Hospital do Bongo

—Não procuro obter qualquer compensação. Antes, desejo ter a satisfação de ter feito o bem àqueles que entraram dentro da minha esfera de influência e, ainda, ter a satisfação de ter passado a minha vida entre este povo a quem aprendi a amar e entre quem tenho muita satisfação em viver.

—Se algum dia tivesse que viver num lugar completamente isolado e apenas lhe fosse permitido levar um livro, que livro escolheria?

—Eu escolheria a Palavra de Deus aos homens — a Bíblia —, porque é o livro que indica ao homem o caminho em que deve andar neste mundo, a maneira como deve viver e também indica a vontade de Deus àqueles que O servem.

O INTRANSIGENTE, de Benguela,
de 6 de Dezembro de 1958.



Vista frontal do Hospital do Bongo

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO

DE CENSURA

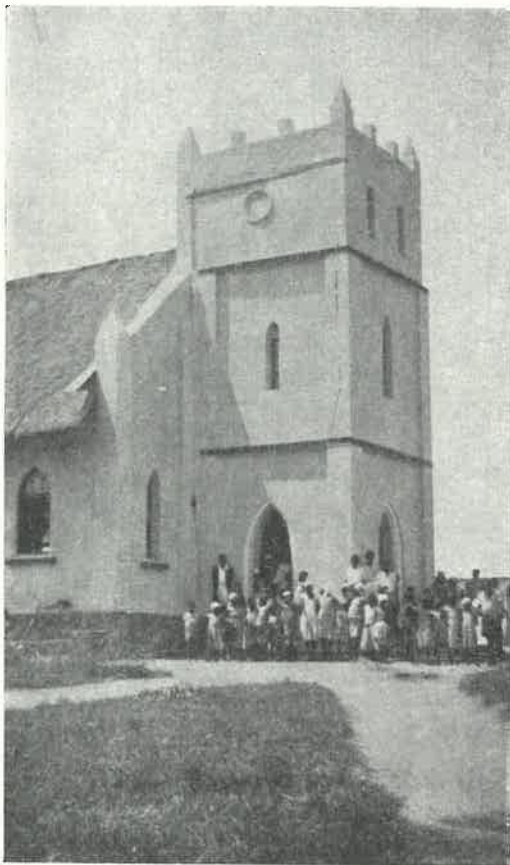
AQUI MOÇAMBIQUE

AQUI fala Moçambique. Sim, prezado leitor, é desta portuguesíssima Província, a segunda em tamanho e população de todo o nosso vasto império ultramarino, situada na costa oriental do imenso continente africano, que vos dirijo, desta vez, o meu apelo.

É um imenso território, com mais de 1.900 quilómetros de comprimento, que se estende desde a possessão inglesa do Tanganica, ao longo do rio Rovuma, ao norte, até ao Natal, ao sul. São mais de 771.000 quilómetros quadrados de superfície, numa extensão fronteiriça com o Tanganica, Federação das Rodésias e Niassalândia, Transval, Suasilândia e Natal; com 2.600 quilómetros de costa, recortada de numerosas e amplas baías, banhadas pelas águas do Canal de Moçambique,



Assistindo a um congresso na Missão de Munguluni



Igreja central da Missão de Munguluni

braço do Oceano Índico, que nos separa da ilha francesa de Madagáscar.

Data de 1505 o domínio dos portugueses no território que então se chamou, modestamente, a Capitania de Sofala. Por muitos lugares ainda, e também em alguns territórios que hoje já nos não pertencem, se veem ainda vestígios que atestam o antigo poderio dos portugueses.

Mercê dos incommensuráveis esforços e sacrifícios que os portugueses do passado amontoaram, secundados pela valentia e heroísmo dos que tudo jogaram nas campanhas de pacificação e submissão de poderosos régulos; graças à sábia administração e interesse que os governos da Nação tiveram sempre pelo engrandecimento e prosperidade destas terras, quão diferente é o Moçambique dos nossos dias do de antanho, e quão invejáveis são, aos olhos de naturais e estrangeiros, as suas actuais condições de vida!

Imensas possibilidades oferecem as terras de Moçambique a quantos quiserem tentar fortuna ou valorizar os seus capitais. As terras são ricas e favoráveis para empreendimentos de grande monta. A agricultura e o comércio estão em franco desenvolvimento e os planos do governo da Província visam à montagem de indústrias adequadas com vista à valorização dos produtos e melhoria das condições de vida dos naturais da terra.

Num território oito vezes maior que a Metrópole, vivem apenas uns seis milhões de habitantes, das mais variadas raças e costumes e a falta de mão de obra é um problema que já está a criar sérias preocupações.

Há ainda em Moçambique mais de cinco milhões de indígenas por civilizar e cristianizar, e os restantes, afora os brancos, europeus e naturais da Província, são gente das raças amarela, indiana, e mista, absoluta e deliberadamente adversa, com raras excepções, à influência cristã.

Com credo religioso, definido, mencionava, há pouco, uma estatística, 665.000 católicos, 200.000 maometanos e 50.000 protestantes. Por estes dados pode bem

avaliar-se a grande tarefa que enfrenta o nosso trabalho missionário nesta Província.

É por demais conhecida a benéfica e profunda influência que exerce a acção missionária adventista em terras africanas. Os resultados estão patentes nos milhares de indivíduos transformados pelo poder da sua acção civilizadora e cristianizadora. Indivíduos saídos da barbárie e tornados agora cidadãos úteis, trabalhadores, ordeiros e disciplinados, contribuindo com o seu esforço para o engrandecimento do país, na obediência e acatamento das suas leis e, como cristãos, esforçando-se por viver de tal maneira que possam honrar Aquele que os libertou dos pecados e dos vícios e os salvou pelo Seu sacrifício no Calvário.

Com um programa cada vez mais vasto no estabelecimento de escolas, catequeses, hospitais e dispensários, centros de assistência, criando condições de vida e de trabalho para o progresso e valorização desta terra, inofismavelmente, a acção missionária adventista constitui uma das maiores contribuições prestadas à acção do governo da Província para o elevamento social, moral e espiritual deste povo.

Não podem os nossos centros missionários ir mais longe na sua benéfica e salutar acção, mercê das dificuldades de toda a ordem, nomeadamente carência de missionários e de fundos.

Precisamos de mais evangelistas, professores e enfermeiros; carecemos de médicos e pessoal auxiliar habilitado para atender às chamadas que se nos dirigem a fim de estender mais longe a nossa acção e ajudar a um maior número de pessoas, levando-lhes os benefícios da poderosa e salutar influência do Evangelho de Cristo que é ainda hoje a maior necessidade dos homens.

Damos graças a Deus por tudo o que tem sido possível fazer no passado. A nossa bem montada e bem dirigida Missão de Munguluni, aqui em Moçambique, tem realizado um trabalho notável em toda a região onde a sua acção se faz sentir e apelos continuam a chegar até nós para a abertura de novas escolas e centros de evangelização.

Uma nova escola e um pequeno hospital foram inaugurados, há pouco, na sede da Missão, com a presença das Ex.^{mas} autoridades civis, Ex.^{mo} Delegado de Saúde da região e outros amigos das missões. Nunca a frequência de alunos foi tão elevada e o número sempre crescente de doentes, com toda a espécie de males, que buscam, cada dia, o auxílio e alívio para as suas necessidades, obrigam os professores e enfermeiros a um programa de trabalho por demais sobrecarregado numa região de condições climáticas nada propícias ao trabalho e ao conforto humano. Pelos números a seguir poderéis avaliar, prezados benfeitores, as enormes somas de dinheiro e de trabalho que estamos dispendendo em Munguluni; doentes vistos, 2.802; tratamentos feitos, 7.924; injeções dadas, 4.118; curativos vários, 8.942. Além do dispêndio com os doentes internados e centenas de tratamentos a pessoas nas aldeias que não podem deslocar-se à Missão.

A despeito de todo este ingente esforço os nossos missionários vão adiante com os olhos postos no grande objectivo que visam todas as suas actividades — ganhar almas para Cristo.

A sua grande compensação e motivo de gozo é ver tantas almas abandonarem os seus usos e práticas pa-



Sardinha e sua família, obreiro leigo que tem trazido centenas de pessoas ao baptismo na Missão de Munguluni

gãs, os seus vícios e pecados, e, graças ao Evangelho de Jesus que, como dizia S. Paulo: «é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê», transformar o curso das suas vidas e tornarem-se homens e mulheres dignos de Deus e honrando o nome da nossa Pátria.

É para um tão nobre trabalho que continuamos a apelar para vós, prezados amigos e benfeitores. Aqueles que já conhecem o valor da nossa acção missionária nestas terras, não deixarão, por certo, de continuar a dar-nos o seu auxílio. Aos outros que ainda nos não conhecem dirigimos também o nosso apelo e convite para colaborarem connosco, e com Deus, na salvação de maior número de vidas e de almas para o reino dos Céus. Aquele que não deixa sem recompensa o que der um simples copo de água a um necessitado, não deixará, sem dúvida, de recompensar quanto fizerdes a favor dos necessitados de Moçambique.

Manuel Lourinho

Director-geral das Missões Adventistas
de Moçambique



Perto e

não O receberam». (S. João 1:11). Pouco depois de nascer, Herodes procurou matá-lo. No Seu ministério público foi sempre vigiado por espias, sempre hostilizado pela inveja dos próprios que mais O deviam apreciar. Finalmente, o Salvador que tudo abandonou em favor do homem foi vendido pelo preço de um escravo; foi postergado em relação a um homicida, foi açoitado; puseram em Sua cabeça uma coroa de espinhos, feriram-n'O com uma cana, cuspiram na Sua face bendita, escarneceram d'Ele; sentenciaram-n'O injustamente; e por fim foi crucificado entre dois ladrões.

Temos razão para nos vergonharmos de pertencer a uma humanidade que assim recebeu Aquele que, inspirado por amor, tudo abandonou para a salvar!

★

Mas, apesar de tudo, esse amor para conosco permaneceu inalterável. Oferecido o sacrifício expiatório, Jesus subiu ao Céu a fim de preparar lugar para aqueles que O aceitassem como seu Substituto e Salvador. E ao apartar-Se dos homens, não os abandonou desiludido, com o desejo de nunca mais voltar. Pelo contrário, prometeu que viria outra vez: «Não se turve o vosso coração; credes em Deus, crede também em Mim.

Na casa de Meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, Eu vo-lo teria dito; vou preparar-vos lugar. E se Eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para Mim mesmo, para que onde Eu estiver estejais vós também». (S. João 14:1-3).

A fim de que os Seus pudessem saber quando se daria esse bem-aventurado acontecimento, apresentou-lhes alguns sinais. E tanta importância atribuiu a esses sinais, que a salientou com uma comparação: «Aprendeis pois esta parábola da figueira: Quando já os seus ramos se tornam tenros e brotam folhas, sabeis que está próximo o Verão. Igualmente quando virdes todas estas coisas, sabeis que Ele (o Filho do homem) está próximo às portas». (S. Mat. 24:32, 33).

Que sinais seriam esses?

QUANDO veio pela primeira vez a esta Terra, o nosso Salvador teve uma recepção tão fria, que tocou as raízes do desprezo.

Enquanto nos encontrávamos perdidos, Jesus não considerava o Céu um lugar desejável. E, assim, abandonou a adoração dos anjos para Se tornar nosso Substituto e, como tal, fazer expiação em nosso lugar. Sendo Senhor, «aniquilou-Se a Si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens». (Fil. 2:7). «Sendo rico, por amor de nós Se fez pobre» para que pela Sua pobreza enriquecêssemos (2 Cor. 8:9). Em vez de louvar, não rezeou ser vilipendiado, «fazendo-Se maldição por nós». (Gal. 3:13).

Ao baixar à Terra, apesar das predições repetidas dos profetas: «Veio para o que era Seu, e os Seus

tá o Senhor

A Terra, incluindo as próprias plantas, os animais e o homem, envelheceria, e manifestaria a sua decrepitude por azaques de vária natureza. Haveria «fomes, e pestes e terremotos em vários lugares». (S. Mat. 24:7). Ou, no dizer expressivo de S. Paulo, «toda a criação geme, está juntamente com dores de parto». (Rom. 8:22). Ou ainda, segundo uma comparação do Padre António Vieira, a Terra está como um doente atingido de enfermidade mortal. Todos prognosticam o seu fatal desenlace, embora da data desse desenlace nada mais possam dizer senão que está para breve.

Sob o ponto de vista moral, os homens «iriam de mal a pior». (2 Tim. 3:13). Advertia o Apóstolo: «Nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos. Porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos, sem afecto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons, traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela». (2 Tim. 3:1-5).

A Terra encher-se-ia de violência. As nações irar-se-iam. (Apoc. 11:18). Preparar-se-iam para uma guerra universal em que não haveria vencedores nem vencidos. Espíritos de demónios iriam «ao encontro dos reis de todo o mundo, para os congregar para a batalha, naquele grande dia do Deus todo-poderoso». (Apoc. 16:14).

Satanás enganaria os homens com as falácias do Espiritismo: «Nos últimos dias apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demónios». Através dos seus agentes, faria «tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos». (S. Mat. 24:24).

Apesar de aparências exteriores de religião, a humanidade em geral pouca fé teria. «Quando vier o Filho do homem, porventura achará fé na Terra?» — perguntava Jesus.

Mas o quadro não se apresentaria totalmente sombrio. Mensageiros do Evangelho eterno, quais anjos, iriam por toda a parte «para o proclamarem aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua e povo». (Apoc. 14:6). E, conclui Jesus, «este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim». (S. Mat. 24:14).

★

Ora é precisamente nesta obra de levar o Evangelho a todo o mundo, que a Igreja Adventista está absorventemente empenhada.

Ao lembrar-nos da maneira vergonhosa como nosso Salvador foi recebido a primeira vez, desejaríamos fazer quanto esteja ao nosso alcance para que Ele tenha uma recepção condigna quando vier segunda vez.

Como arautos do grande Rei, desejaríamos convidar os homens a prepararem-se para esse acontecimento. E que melhor recepção poderia ter Jesus do que um

número incontestável de crentes, que a Ele entregaram as suas vidas e d'Ele fizeram o Companheiro constante dos seus passos?

Jesus não virá sem que as hostes de Satanás façam todos os esforços para que Ele seja de novo rejeitado e vilipendiado. Hostilizá-lo-á na pessoa dos Seus seguidores. Mas os crentes, advertidos contra os enganos satânicos, firmes no meio da perseguição, atravessarão — sofrendores mas triunfantes — a grande tribulação.

Arrebatadora é a promessa para aqueles que tenham permanecido fiéis através do grande conflito final: «Estes, que estão vestidos de vestidos brancos, quem são e donde vieram? E eu disse-lhe: Senhor, tu sabes. E ele disse-me: Estes são os que vieram da grande tribulação, e lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro. Por isso estão diante do trono de Deus, e O servem de dia e de noite no Seu templo; e Aquele que está assentado sobre o trono os cobrirá com a Sua sombra. Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede; nem sol nem calma alguma cairá sobre eles. Porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará, e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida; e Deus limpará de seus olhos toda a lágrima». (Apoc. 7:13-17).

Jesus não será mais desprezado ao voltar a esta Terra. Ainda que os homens não queiram, Ele virá, não como menino pobre e indefeso, mas como Rei.

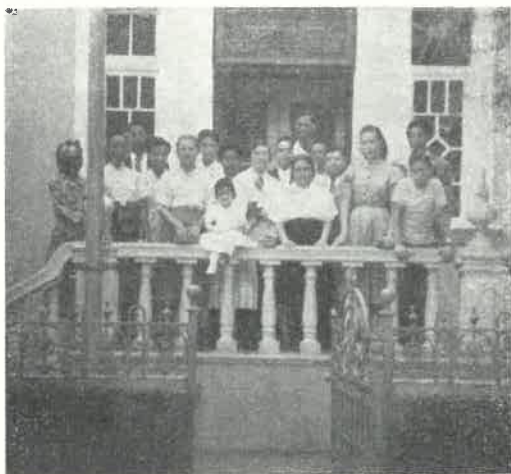
E não virá como um Rei indesejado. De todos os confins da Terra erguer-se-ão vozes de louvor quando Ele vier.

«Ora vem, Senhor Jesus!» (Apoc. 22:20).

Ernesto Ferreira

Director-geral das Missões Adventistas
de Angola





Igreja de S. Vicente



Grupo de evangelistas em Cabo Verde



Escola adventista na Cidade da Praia

MAIS UMA V

A felicidade dum povo depende de diversos factores, dentre os quais podemos mencionar o nível de vida social, segurança e moralidade. Embora esteja provado que a felicidade não depende só do dinheiro e comodidade, um estômago faminto dificilmente contribuirá para uma expressão alegre e de aparência feliz dum extrovertido.

Tem sido a preocupação dos governos das nações, promover um nível de vida mais equilibrado, facilitando a cada cidadão alimento suficiente e comodidades elementares, que infelizmente nem sempre tem sido possível levar a todos os recantos da Terra. Há povos onde a incerteza pelo futuro, quer por hipotéticas guerras, quer instabilidade política e monetária e especialmente por erradas concepções da Divindade, vivem num constante terror pelo futuro da Família, dos bens e da sua alma. São muitas vezes esses povos que se desmoralizam mais, como que para silenciar os temores, entregam-se a prazeres da mesa e a toda a espécie de vícios mais ou menos imorais, contribuindo em grande parte para a sua tardia emancipação. O continente Africano viveu e ainda em parte vive neste último caso.

O Cristianismo prático é o único remédio até hoje conhecido para se encontrar a felicidade, em qualquer meio ou situação.

As Missões Adventistas, pelo mundo, estão contribuindo para levarem essa tão almejada felicidade aos



Crentes na Cidade da Praia

AS MISSÕES

povos onde trabalham, com a educação manual, intelectual e moral.

Em Cabo Verde, onde temos empregado as nossas actividades na última década, presenciamos uma emancipação gradual, a que se deve a acção acertada das Autoridades Administrativas e das Missões Cristãs, nas quais temos a honra de nos incluir. Mas seria, no entanto, convicção errada, concluirmos que o resto já vai por si mesmo, prescindindo da acção Missionária. Muito há ainda por fazer pelos muitos milhares de almas que continuam vivendo nos temores da incerteza do futuro. Vivem ainda sem esperança e sem Deus no mundo, mas cuja consciência os condena certamente. É que Deus colocou, mais ou menos latente, em toda a alma, uma necessidade de ser bom, de servir a Deus.

Aos prezados leitores uma vez mais apelamos para a prática dum Cristianismo puro, para a prática dos seus princípios altruístas ensinados pelo Divino Mestre, pois continua havendo em todos os campos Missionários e Metropolitanos, enfermos de corpo e alma, esperando o feliz encontro dos bons Samaritanos, que lhes prodigalizem o tratamento das suas feridas físicas e espirituais.

Antecipadamente, um muito obrigado, pela vossa generosidade.

Francisco Cordas

Director das Missões
Adventistas de Cabo Verde



A escola da Missão de S. Vicente



A árvore mais antiga de Cabo Verde, na Ilha de S. Tiago



Grupo de crentes da Ilha do Fogo — Cabo Verde

UM SORRISO MILAGROSO

PARECIA um milagre. Durante anos aquele homem vinha sofrendo a desdita e a desfiguração do mal de Hansen (lepra). Foi quando alguém de uma missão cristã falou-lhe um dia sobre um novo remédio que estavam empregando as pessoas como ele, leprosas. Com paciente expectativa ele aguardava o resultado. Gradualmente os nódulos desapareceram. Ele parecia um novo homem.

Há entre sete e oito milhões de leprosos no mundo. Durante milhares de anos a lepra tem sido o espantelho de toda a sociedade, porque os leprosos eram dados como incuráveis.

Há poucas décadas a ciência médica descobriu o valor da injeção de certos óleos no tratamento da lepra. Este tratamento era prolongado, doloroso e incerto, mas levava esperança aos comparativamente poucos que podiam recebê-lo. A técnica dificultosa requeria pessoas especializadas e muito tempo, o que era um grande obstáculo ao tratamento em massa.

A recente descoberta do valor de certas sulfonas no tratamento de leprosos tem levado esperança a milhares.



Grupo de crentes da Ilha Brava — Cabo Verde

Com efeito o novo tratamento pode ser aplicado por via bucal em vez de injeção; parece ser mais eficiente — em menor tempo — que o antigo tratamento, requer menos pessoal e não é tão doloroso como o tratamento por injeção.

Os Hospitais Adventistas da África e Nova Guiné estão aplicando este moderno tratamento aos leprosos. Há agora 11 centros de tratamento de leprosos no mundo, onde as pessoas afligidas por esta enfermidade podem ir e permanecer até que a melhora seja efectiva.



Gentios que vêm às reuniões no mato em Angola

O IMPERADOR HAILÉ SELASSIÉ VISITA O SANATÓRIO ADVENTISTA



Missão adventista da Namba — Angola

parados e fornecidos num período afanosamente curto de 36 horas. Com a assistência do encarregado do famoso Ambassador Hotel de Los Angeles, foi provida bela ornamentação floral com as cores etíopes — flores vermelhas e amarelas, completadas com folhagem verde — em todos os apartamentos e outros pontos estratégicos do hospital. Mesas especiais foram preparadas para o refeitório, pois os comensais não podiam sentar-se de costas para o imperador. O cardápio foi elaborado depois de muita deliberação.

O Dr. F. Lynn Artress, que fôra anteriormente director do Hospital de Adis Abeba, saudou o imperador e comitiva quando chegaram. A recepção seguiu-se a entrevista à imprensa, havendo o Dr. George C. Bargman, primeiro médico adventista na Etiópia, recordado que não via o imperador havia já 16 anos. O imperador pessoalmente reconhece as magníficas actividades missionárias e as facilidades hospitalares estendidas ao seu país e mostra muita apreciação para com a igreja.



Parte duma enfermaria do Hospital do Bongo — Angola

QUANDO da sua primeira visita aos Estados Unidos, o imperador Hailé Selassié fez a sua primeira paragem oficial na Califórnia, no Sanatório e Hospital de Glendale. Isto não é tão estranho como pode parecer de momento, pois o imperador tem estado em contacto há anos com os adventistas e tem encorajado grandemente o seu programa médico e educacional em seu país, onde mantém os adventistas um sistema de escolas para o preparo de professores e enfermeiras, cujos graduados têm já demonstrado a sua força e a sua boa qualidade de cidadãos.

A oportunidade da sua visita ao Sanatório de Glendale foi, de facto, uma das grandes expectativas da parte do corpo director do hospital. Durante dias houve ali meticulosa, embora apressada preparação para este acontecimento, desdobrando-se na direcção das actividades George B. Nelson que, conquanto acostumado a sua posição como administrador do hospital, viu-se de repente a braços com uma função nova e algo complicada como hospedeiro de um dos poucos imperadores vivos do mundo.

Os oficiais de segurança da polícia e do Departamento de Estado pesquisaram o hospital e adjacências. Uma ala de apartamentos foi completamente remobiliada para acomodar a comitiva real. Providenciaram-se bandeiras da Etiópia. Pormenorizadas instruções foram enviadas aos 550 funcionários estudantes e enfermeiros do hospital. Convites e cartões de admissão foram pre-

O médico voador

CONSAGRADO missionário médico e seu eficiente minúsculo aeroplano são alguns dos meios que Deus está usando para levar o evangelho da cura física às escarpadas e às ensolaradas cidades das planícies do rico Estado de Nuevo Leon, produtor de frutos cítricos, no norte do México.

O Dr. David Zinke, vice-director do Hospital Adventista do Sétimo Dia de Montemorelos, costumava viajar em automóvel por estradas praticamente inexistentes, e depois transferir-se para o lombo de morosos cavalos e, em estafante ascensão através de trilhos pedregosos, finalmente alcançar o doente, após horas e até dias depois do pedido de auxílio.

Hoje, ao chegar ao Hospital esse pedido de emergência, o Dr. Zinke dirige-se em automóvel para um pequeno abrigo desmontável que serve de hangar; dele retira um potente aeroplano monomotor e voa célere pela estrada aérea para a distante aldeia do doente. Com esse moderno meio de transporte à sua disposição, os gravemente enfermos podem receber assistência médica especializada no prazo de minutos, em vez de dias.

O sistema de transporte aéreo do Hospital entrou em vigor há uns poucos de anos, quando o Dr. Glenn MacCaffey, médico da Vista, Califórnia, doou um aeroplano para ser usado em Montemorelos.

Iniciado em pequena escala e auxiliado por fundos doados por amigos americanos, o sistema de transporte aéreo de Montemorelos transformou-se agora num projecto de primeira plana do hospital. Recentemente, a fim de dispor de um avião mais conveniente, que levante voo em menor espaço de terreno, o aeroplano inicial foi trocado por um Cessna 180 de pouco uso. Durante os seus primeiros três meses de uso em Montemorelos



Grupo de crentes na Guiné

voou o Dr. Zinke mais de 9.000 milhas para atender a chamados médicos, visitas de emergência e outras actividades profissionais.

«Ao aterrar, em geral está já reunida uma multidão, porque as pessoas se acostumaram a esperar-nos. Tenho uma enfermeira que interroga os doentes, e outra que me auxilia e preenche as receitas. Os pacientes afluem em massa, mas procedendo desta maneira, consigo movimentar a fila e realizar surpreendente quantidade de trabalho.»

Ao terminar o seu trabalho da clínica, o Dr. Zinke em geral faz uma prelecção aos aldeões sobre algum aspecto da medicina preventiva. Mediante ilustrações e expressivos gestos de mãos, busca incutir-lhes a importância dos vegetais na alimentação, a conveniência de tomar suficiente quantidade de água, e a necessidade vital de um banho, pelo menos uma vez por semana.

«Alguma coisa eles conseguiram entender,» diz ele com alegria, «pois verifico que a média das doenças é agora bem menor em muitas dessas zonas das montanhas.»

O Dr. Zinke, diplomado pelo College of Medical Evangelists em 1947, fez o seu estágio no Serviço de Saúde Pública dos EUA e instalou consultório na Califórnia central. Justamente quando ele e sua família se estavam radicando na comunidade, um representante da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia foi ter com ele, convidando-o para ser missionário no México.

Presentemente, a família Zinke, com três filhos — Eddy, com 9; David com 7 e Danny, com 5 anos — está contribuindo eficientemente com a sua actividade em Montemorelos. «Embora às vezes nos sintamos saudosos dos amigos e parentes», diz a Sr.^a Zinke, «reconhecemos que o lugar em que devemos estar é no México, onde podemos ser de algum préstimo.»

Os Zinkes são os missionários modernos típicos de quantos se encontram hoje em dia em muitas partes do mundo. Domiciliados num país estrangeiro, fora do ambiente e dos privilégios da comunidade americana, exercem uma influência amigável que muito faz para tornar o cristianismo atraente aos seus companheiros mexicanos.



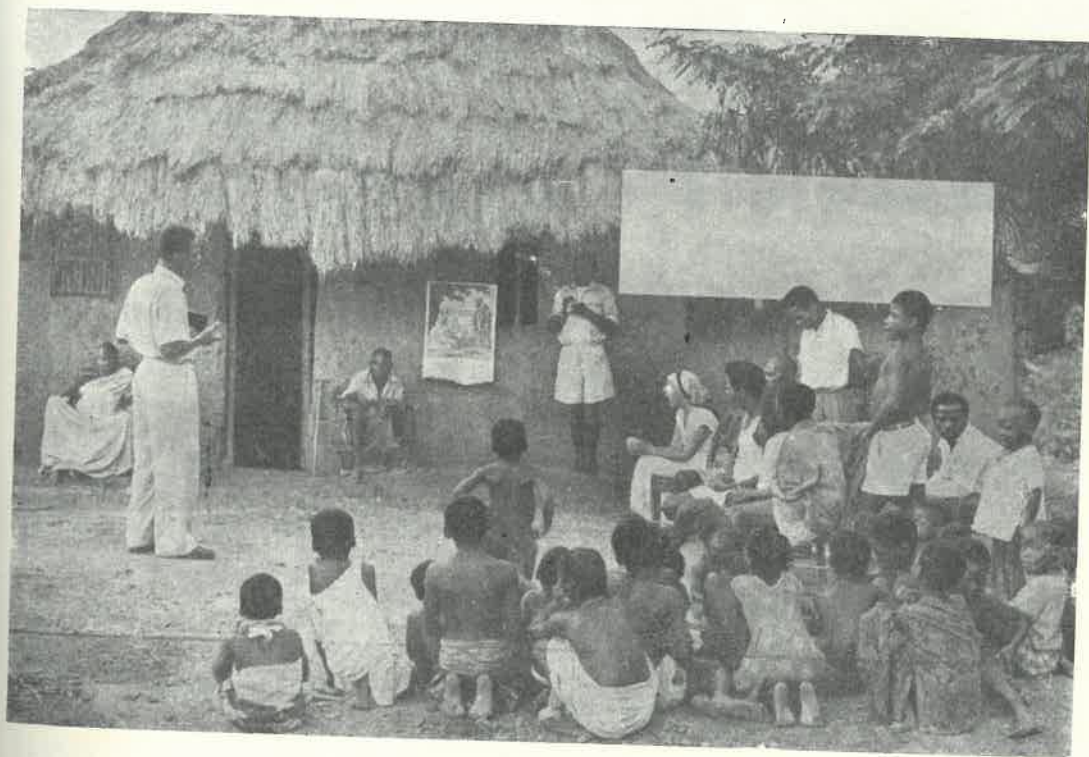
A igreja adventista na cidade do Funchal

OS PERIGOS DE UMA INFILTRAÇÃO POLÍTICO-RELIGIOSA EM ÁFRICA

Do jornal «O Século» de 2 de Fevereiro de 1959

A existência de um povo não se define sòmente pela comunidade do sangue e do idioma, embora estes sejam os elementos essenciais, pois exige que a par deles se estabeleça e progrida uma sólida unidade espiritual e moral. Dar o título de nação a um aglomerado de homens só porque correspondem a um certo tipo rácico ou étnico ou porque falam a mesma língua não serve para mostrar que esse povo possa assegurar, quando se julgue necessário, a sua defesa, segurança, integridade territorial, liberdade e desenvolvimento social, político ou económico. Se assim foi sempre, com mais razão o é na época actual, em que, por interesse especial, grandes e poderosas nações promovem apressadamente a constituição de novos países, aproveitando para o efeito um exagerado, instável e precário fermento de nacionalismo, paí-

ses em que o idioma e o sangue estão longe de satisfazer à garantia de uma sobrevivência nacional. Ainda não há muito tempo, neste mesmo lugar, apontámos a perigosa inoportunidade da criação de nações apenas com base nos tipos rácicos e nas características das terras que eles povoam, relegando para um plano secundário o facto de não possuírem a indispensável maturidade política, social e económica, nem quadros de orientação e de administração, nem condições de resistência entre os dois grupos poderosos que disputam o domínio do Mundo. Meia dúzia de agitadores preparados em países estrangeiros, infiltrando-se e agindo com forte apoio entre os da sua raça, despertam ânsias de independência, manifestações contra as nações tutelares, exacerbação do que se supõe e quase nunca vem a ser verdadeiro nacionalismo.



Uma aula bíblica no mato

Tem-se visto até agora que dos países promotores da criação de novas nações advêm os maiores prejuízos, mas o pior é que a efervescência pretensamente nacionalizadora alastra, ronda e ameaça os territórios de outros países que sempre definiram uma integração ajustada e perfeita de povos nos conjuntos em que se enquadram. Exemplo bem expressivo o tivemos, recentemente, com os lamentáveis incidentes no Congo Belga. Sem qualquer base firme numa consciência nacionalista, milhares de negros de baixo nível espiritual e moral, sem civilização e sem cultura, foram facilmente arrastados para a sublevação contra as autoridades por um pequeno bando de agitadores industriados e apoiados do exterior. Aos desesperados pelo desemprego juntaram-se os que acham pouco o que lhes têm dado e os que noutros territórios não podem, por diferentes motivos, promover agitações. A tentativa fracassou, porque não tinha meios de êxito e porque à precaridade de um nacionalismo de ocasião se sobrepôs a unidade da nação belga; mas o fermento revolucionário continuará a ser aproveitado em ocasiões oportunas para novas manifestações e — o que é mais grave — para despertar e facilitar em territórios vizinhos outras infiltrações de agitadores.



Numa escola bíblica na Missão do Cuale — Angola

Por isso os povos que há muitos séculos definiram, em vários continentes, as suas fronteiras geográficas e políticas e um tipo de civilização superior necessitam de fortalecer cada vez mais a sua unidade e coesão para que os inimigos da sua estabilidade não encontrem ponto fraco para uma perigosa infiltração. Ninguém nega a um aglomerado humano em condições convenientes o direito de ser independente e livre; mas não é de aceitar que a povos atrasados, sem possibilidades políticas, económicas e sociais se dê uma independência geradora de maiores perturbações num Mundo já tão perturbado.

Todavia, não é só a actividade dos agitadores políticos que merece atenção e estudo de providências adequadas. Há outros processos que visam os mesmos fins de combate à civilização ocidental, principalmente nas terras africanas. A cristianização dos povos que ali vivem está a ser fortemente contrariada e diminuída pela difusão progressiva do islamismo. Sem manifestações

públicas, aparatosas o islamismo vai submetendo ao seu domínio os povos africanos. Quando, há cerca de vinte e cinco anos, a população negra era calculada em 180 milhões havia só 40 milhões de africanos submetidos ao Islão; mas actualmente o número dos que são ou se dizem muçulmanos excede o dobro, pois anda à roda de 90 milhões. Inquéritos recentes revelaram que são vários os processos usados na difusão do islamismo. A actividade difusora desenvolve-se pelos tradicionais instrutores muçulmanos ortodoxos das comunidades islâmicas, pelos comerciantes e pelos «jovens activistas» — antigos estudantes das Universidades norte-africanas. Na parte oriental a penetração já atinge a linha do Zambeze; mas na parte ocidental a situação é mais grave, pois, circumscrita até há pouco às proximidades da Guiné, avizinha-se do Norte de Angola.

Isto acontece não obstante o desenvolvimento notável da actividade das missões católicas ou protestantes, fomentadas e apoiadas pelos países que, como o nosso, têm parcelas do território nacional no continente africano. Assim, chega-se facilmente à conclusão de que o esforço missionário tem de ser intensificado, porque só ele define, serve e defende uma civilização. Quem atentamente observar acontecimentos dos últimos anos em África é forçado a reconhecer a influência decisiva que neles teve a propagação do islamismo e a avaliar os perigos que se aproximam. É que não se trata somente de difusão de tipo religioso, pois a par da condução das almas sob a égide do Corão há objectivos nitidamente políticos.

Temos visto como a unidade das parcelas do conjunto português resiste a todas as tentativas de infiltração e aos perigos da inquietação e da sublevação em territórios vizinhos. Isso é possível porque na vida portuguesa brancos, pretos, mestiços e amarelos se regem pelas mesmas normas jurídicas e têm iguais direitos e deveres. Mas não pode perder-se de vista a imperiosa necessidade de contrabater a difusão islâmica pelo desenvolvimento da acção missionária que chama os povos à verdade e à civilização.

Sem dúvida — seria injustiça clamorosa não o reconhecer — são avultados os recursos que o Estado Português tem posto à disposição das missões católicas, como enormes são os que instituições de outros países, como a América do Norte e a Grã-Bretanha, entregam às missões protestantes; e notável é o esforço e a dedicação dos missionários, muitos dos quais, por serem negros, vêem a sua tarefa bastante facilitada. Mas é preciso ir mais longe, com a atribuição de maiores auxílios e despertando para o efeito o interesse, a força económica e o entusiasmo das populações brancas que em África vivem. É preciso que os professores, os funcionários administrativos ou militares, os comerciantes, os industriais, os agricultores que mourejam em terras africanas colaborem nessa cruzada de civilização e de resistência à expansão de ideias e de acções perturbadoras da ordem e da paz no Mundo.

Bem mais perigosa do que uma penetração de ideal religioso, porque a marcha é lenta e o efeito retardado, é a infiltração político-religiosa nas terras de África, que ainda não atingiu territórios portugueses mas anda bem perto.

Ficando com um exemplar desta Revista, ajudais a obra das Missões



Estais Perplexos?

*Com os acontecimentos mundiais
e receosos do futuro?*

**Procurais a confiança
e a esperança para
a vossa vida espiritual**

No silêncio do vosso lar podeis estudar a Bíblia por vós mesmos, seguindo um interessante curso de 30 lições, com diploma e um brinde. Achareis neste curso a solução do problema anímico e da origem e futuro da humanidade. Milhões de pessoas têm-se matriculado nesta **Escola Bíblica por Correspondência**, de âmbito mundial, e têm encontrado a tão almejada paz e confiança, para estes tempos calamitosos de tensão e incertezas. Este curso é gratuito e o vosso único comêndio será a Bíblia.

Inscrevei-vos hoje mesmo, enviando o vosso endereço à

ESCOLA RÁDIO-POSTAL — Apartado 20/30, Lisboa-1

Caixa Postal, 3 — Nova Lisboa

Caixa Postal, 1468 — Lourenço Marques

Ouvi os nossos programas da Voz da Profecia :

Rádio-África-Tânger, na onda de 506 metros (593 Kc) todas as Segundas-feiras às 22 horas.

Rádio-Benguela, nas ondas 59,50 e 31,63 m. (5042 e 9502 Kc) todas as Segundas-feiras às 20,30 h.

Rádio-Nova Lisboa, nas ondas de 61,84 e 41,90 m. (4851 e 7152 Kc) todas as Ter.-feiras às 20,30 h.

Rádio-Moçâmedes, na onda de 42 metros (7230 Kc) todas as Quartas-feiras às 19,30 horas.

Rádio-Sá da Bandeira, nas ondas de 59,71 e 30,75 m. (5024 e 9755 Kc) todas as Seg.-feiras às 21,30 h.

Ouvi estes programas e recomendai-os aos vossos amigos e conhecidos.



*Catequista com a sua escola praticando ginástica
Missão de MUNGULUNI*



*Impressionante cerimônia baptismal em pleno mato
Missão de MUNGULUNI*



*Catequista e seus alunos
Missão de MUNGULUNI*



*Casamento cristão de indígenas convertidos
MOCUBA*